



O calor do incipiente verão londrino trazia, em sua esteira, os odores do Tâmbisa, que se espalhavam como uma nuvem de fumaça, cobrindo dezenas de quilômetros. Os moradores de Sutton, ao sul de Londres, estavam distantes do rio e seus afluentes mais poluídos. Quando chovia, no entanto, os esgotos entupiam e o caldo negro e rançoso se espalhava pelas ruas, invadindo as calçadas com suas grossas camadas de lodo. E havia chovido muito nos últimos dias.

Sherlock alcançara a Mansão Holmes no início da tarde, encontrando-a vazia, com exceção da governanta e cozinheira, a Sra. Macklin. Seu irmão chegou bem mais tarde e os dois desfrutaram de um jantar ruim, mas de uma conversa boa. Agora, no entanto, com o silêncio da madrugada e as janelas abertas para evitar o calor excessivo, Sherlock estava irrequieto e sem sono. Não era fácil se acostumar a dormir nos colchões macios da casa dos pais e na quietude do bairro rural onde a Mansão Holmes fora construída. A escola Harrow, apesar de estar localizada em uma região bucólica ao norte de Londres, abrigava centenas de alunos e era difícil encontrar um só momento de paz durante o dia inteiro, entre as obrigações das aulas, os trabalhos, e a algazarra, pura e

simples, formada por jovens demais, com energia demais, presos em dias curtos.

Quando Sherlock ouviu um pequeno barulho espocar do lado de fora, atribuiu o incidente a algum animal qualquer. Havia muitos pássaros que andavam pela propriedade, assim como alguns roedores e, vez ou outra, até mesmo uma raposa. Mas quando o barulho se repetiu uma segunda e, depois, uma terceira vez, decidiu ir investigar. Atirando os lençóis finos para o lado, Sherlock seguiu até a janela.

Nuvens cinzentas e carregadas de chuva cobriam a floresta de chaminés que se espalhava pelos telhados da maior metrópole do mundo. Luzes de lâmpões incandescentes deixavam escapar uma promessa de calor e aconchego, mas Sherlock os observava como vagalumes em um bosque escuro, onde o perigo e o crime se escondiam em cada esquina e beco.

Ele balançou a cabeça para espantar aqueles pensamentos perturbadores e estreitou os olhos ao observar uma nova pedrinha voar do jardim encharcado até a janela ao lado da dele. No entanto, tudo o que conseguiu ver foi um vulto escondido entre as folhagens.

Sherlock gastou apenas alguns momentos tentando decidir o que fazer. Era óbvio que o intruso estava tentando fazer contato com alguém da mansão. Mas com *quem*? Não imaginava que o seu irmão, Mycroft, que tinha um importante cargo em uma instituição financeira, fosse receber visitas no meio da noite e que se apresentassem dessa maneira. E a única outra pessoa que morava nos andares da cima da casa, enquanto os seus pais estavam viajando para a África do Sul, era ele.

Com muito cuidado, Sherlock abandonou o quarto e desceu a imponente escada até o térreo da mansão. Para não correr o risco de acordar a Sra. Macklin, decidiu sair pela porta da frente e se

esgueirar pelos canteiros de flores, sentindo o pijama grudar na pele por causa do tempo abafado, que precedia a chegada de mais chuva. Antes, porém, passou na sala de recepção e agarrou um dos atizadores de lareira.

O bairro estava silencioso e, ao alcançar o jardim dos fundos, não foi difícil perceber um vulto movimentando-se entre as folhagens, atirando pedrinhas na janela.

— Procurando alguém? — Sherlock disse, aproximando-se.

O vulto se virou, colocando-se sob a luz dos lampiões ao dar um passo à frente. Sherlock deixou cair o atizador no próprio pé.

— Ai!

— *PSSST!* — pediu Cashmere Boswell, aproximando-se. — Não tive todo este trabalho para você sair gritado por aí!

Sherlock saltava em um pé só, segurando os dedos doloridos pela pancada do ferro pesado.

— O que está fazendo aqui? — ele sibilou, controlando as lágrimas que teimavam em escorregar pelo seu rosto.

— Precisava falar com você — disse ela. — Tem algum lugar aqui em que possamos conversar sem sermos incomodados?

— Sim — resmungou Sherlock, mantendo o pé dolorido longe do chão, enquanto se escorava em um tronco. — Mas por que não bateu na porta da frente?

Cashmere soltou um riso debochado.

— Eu sou cigana, Sherlock! Se alguém visse um cigano entrando na sua casa, as fofocas alcançariam o Palácio de Buckingham antes do almoço!

Sherlock sentiu uma pontada de vergonha ao ouvir aquilo, não por achar a ideia absurda, mas por saber que ela falava a verdade.

Ele massageou os dedos do pé por mais um tempo e, então, a conduziu pelas trilhas do jardim até um antigo barracão, que seu

avô havia construído para servir como cavalariças. Seu pai havia vendido os cavalos e as carruagens muito tempo atrás, pois o custo de manter toda a estrutura era demasiado para quem passava boa parte do tempo viajando. Desde então, o barracão servia como depósito e, ocasionalmente, oficina para algum dos prestadores de serviço que eram contratados temporariamente para fazer algum trabalho na mansão.

Ele abriu a tranca simples e se esgueirou ali para dentro, com a garota em seus calcanhares. Então, encontrou um dos lampiões e o acendeu com um fósforo. À luz da lamparina, conseguiu observar Cashmere. A garota cigana estava com os longos cabelos ocres presos por uma fita escura, que descia até o casaco e a saia. Ela o observou com seus olhos esguios por um instante antes de pegar a mão de Sherlock com a sua, cobrindo-a com seus dedos cor de chocolate. Sherlock sentiu um aperto no peito ao notar que ela tremia.

— O que houve? — ele perguntou.

Cashmere estremeceu por um momento antes de falar. Um cheiro de jasmim escapou de suas madeixas, misturando-se ao odor da terra molhada do barracão.

— Você já deve ter ouvido falar do Facínora da Drury Lane — ela disse. — Tem sido notícia de jornal nas últimas semanas.

Sherlock piscou os olhos rapidamente, tentando se acostumar ao lusco-fusco da pequena lamparina.

— Quem?

Cashmere lançou os olhos para o alto.

— Oh, céus, Sherlock! Onde você esteve nas últimas semanas?

— Na escola — ele respondeu, amuado. — Não temos acesso às notícias dos jornais, lá.

Cashmere soltou um muxoxo de desaprovação.

— Sim, você comentou sobre isso quando nos conhecemos, lá em Cottingley.

Sherlock assentiu e, por um momento, toda a sua aventura na Mansão Cottingley^[1] lhe passou pela mente em um único segundo. Tudo acontecera no feriado de primavera, há poucos meses atrás, mas parecia que já havia passado décadas. Precisou se esforçar para se dar conta que conhecera a garota há tão pouco tempo. Juntos, eles haviam desbaratado uma quadrilha de sequestradores, uma aventura que quase lhe custara a vida.

— É uma coisa bem idiota, sabia? — ela comentou.

Ele voltou a assentir. A regra, que valia há alguns anos, fora instituída depois que a Harrow começou a receber dezenas de filhos de reis, embaixadores e dirigentes estrangeiros. Os jornais de Londres eram profícuos em trazer notícias sobre os quatro cantos do mundo, nem sempre em tons lisonjeiros. Por fim, o conselho diretor acabou decidindo pelo banimento dos jornais para evitar tensões desnecessárias.

— Nisso, concordo — disse Sherlock. — Quem é este tal Facínora?

Cashmere apertou as mãos antes de falar.

— Houve quatro assassinatos na área de Covent Garden, perto da Drury Lane.

Sherlock assentiu devagar. Já fora até o mercado da Covent Garden. Drury Lane, se não estava enganado, era a rua onde se concentravam vários teatros de variedades de Londres.

— A última vítima... ela... — a voz de Cashmere falhou por um momento. — Era a mãe de uma grande amiga minha que trabalha no Drury Lane Hall.

Sherlock ficou em choque por um momento, tentando absorver a informação. A morte de um ente querido já era algo dolorosamente

ruim, mas ser a vítima de um assassinato tornava tudo duas vezes pior. Ele não imaginava como seria passar por este tipo de coisa.

— Eu sinto muito — ele disse em voz baixa, dando um momento para que Cashmere se recompusesse. — Esse Drury Lane Hall é um dos teatros da Drury Lane?

— Sim.

Sherlock assentiu brevemente.

— O que aconteceu?

— É isso que eu quero que você nos ajude a descobrir.

Sherlock se remexeu tão rapidamente que quase derrubou o lampião.

— *Eu?!*

— Sim, Sherlock. Você é um rapaz esperto e não se parece com aqueles idiotas da polícia — ela disse, olhando-o com fervor. — Eles não estão fazendo nada para descobrir o que houve. Na verdade, estão falando apenas em fechar o Drury Lane Hall.

— Por quê? O que os assassinatos têm a ver com o teatro?

— Nada — ele respondeu, muito rapidamente, mas acrescentando logo a seguir. — Acho que nada.

— *Acha?* — repetiu Sherlock, desconfiado. — O que quer dizer com isso?

— A sra. Langridge, a mãe da minha amiga, era a única que trabalhava no teatro — ela explicou. — As outras vítimas eram *gado*, apenas.

Sherlock levou às mãos aos ouvidos. Tinha ouvido mal. Cashmere falara em quatro assassinatos, mas, agora, mencionara o abate de bovinos. O que diabos uma coisa tinha...

— Gado são as pessoas que frequentam os teatros — disse Cashmere, com um sorriso engraçado ao notar o atrapalhamento de Sherlock. — Pagantes. Todos eles estiveram no Drury Lane Hall

antes de serem mortos. Um tinha uma loja de roupas, outro era um vigário aposentado e o terceiro era um escriturário.

— Todos homens — disse ele.

— Sim, a sra. Langridge foi a única mulher — ela disse, com um suspiro.

— E como ela trabalhava lá, a polícia acredita que alguém do Drury Lane Hall tenha algo a ver com isso.

Cashmere voltou a remexer os dedos das mãos e confirmou com um aceno antes de continuar.

— Mas não é só por isso — ela admitiu, depois de um momento.

— Parece que eles foram... Bem, eles foram fantasiados. As vítimas, digo. Foram vestidos com roupas que são usadas nas peças.

— Do Drury Lane Hall? — perguntou Sherlock.

— Não — disse ela, rapidamente. — Quero dizer, parece que não... A polícia andou vasculhando os teatros da região, mas é muito difícil dizer. Existem centenas de roupas nos teatros, todas elas muito parecidas. É difícil saber se uma peça veio de um lugar específico.

Sherlock meditou sobre aquilo por um momento. Não conhecia nada sobre o teatro de variedades, mas a ideia fazia sentido. Pelo que sabia, eram encenadas diferentes peças ao mesmo tempo, muitas apenas com uma ou poucas cenas, e o reaproveitamento deveria ser a palavra de ordem.

— Entendo. Mas não sei o que você quer que eu faça — ele insistiu.

— Tom Hurricane é o dono do Drury Lane Hall e empregador da sra. Langridge e sua filha, Mia. Ele é nosso amigo e está muito preocupado que a polícia possa fechar o teatro. Eu disse que conhecia alguém que poderia ajudar. Ele concordou em empregá-lo como contrarregra.

— O que é isso?

— Alguém que faz de tudo um pouco — explicou ela. — Mas você teria liberdade de ação. Poderia circular pela região e tentar descobrir alguma coisa. Nós... Eu estou assustada, Sherlock. Tenho medo do que pode acontecer com a Mia, com o sr. Hurricane e os demais. Eles são meus amigos, Sherlock. Meus únicos amigos, na verdade.

— Eu também sou seu amigo — respondeu ele, na defensiva.

Cashmere segurou a sua mão por um momento, num gesto agradecido.

Sherlock teve um momento de indecisão, mas já sabia a resposta mesmo antes que Cashmere argumentasse. Não poderia simplesmente abandoná-la depois que ela lhe ajudara no caso das fadas de Cottingley.

— Eu tenho alguns dias fora da escola, mas os feriados de meio-período de verão são apenas cinco dias — ele disse, tentando não lhe dar falsas esperanças. — Depois, eu preciso voltar.

— Eu sei. Mas você pode me emprestar esses cinco dias?

Sherlock a encarou por um momento, observando seus longos olhos negros e soube o que iria responder antes de mesmo de falar.

— É claro, Cashmere. Só vou precisar inventar uma desculpa para Mycroft.

— Seu irmão? — ela perguntou.

— Sim. Mas não se preocupe. Amanhã de manhã eu já resolvo isso. Onde fica este teatro?

Cashmere lhe deu o endereço em um pedaço de papel e Sherlock se levantou.

— Você vai estar lá? — ele perguntou.

Ela também se levantou e sorriu.

— Sim, consegui alguns dias de folga com o professor Anderton para ficar com Mia. Ela mora nas coxias.

Sherlock estendeu os braços e os dois trocaram um caloroso aperto de mãos.

— De volta à ativa, pelo jeito — ele disse.

— Como dois gatos em um telhado de zinco quente — ela disse, piscando um olho.



[1] Leia Feriado de Meio-Período de Primavera - A Aventura das Fadas de Cottingley.